

# Fábulas Fortalecedoras: Filípa, a Potranca

## Sobre Desejos Realizados

-- Como vamos fazer para colocá-la no estábulo, señor Verdadero? Filípa, uma linda potranca branca de longas crinas douradas ouviu um ajudante fazendo essa pergunta a um senhor barbudo de trinta e poucos anos, Señor Fiel Verdadero, o seu cavaleiro.

-- Por que, qual é o problema? perguntou ele.

-- O senhor não reparou? A Filípa não para de atacar a cerca e empinar, principalmente quando nos aproximamos. Franca-mente, é de dar medo.

-- Então, tome as rédeas.

-- Não é tão fácil assim, señor. Ela é do contra -- até quando tento levá-la para o estábulo à noite, escovar seu pelo, etc. Tem como o senhor fazê-la se comportar?

-- Ela não me dá nenhum problema, disse Fiel. -- É bem submis-sa quando eu trato com ela.

-- Exatamente! O senhor é o único que consegue montá-la. Era justamente isso que eu queria dizer, fazê-la se submeter a nós, que ela simplesmente não respeita!

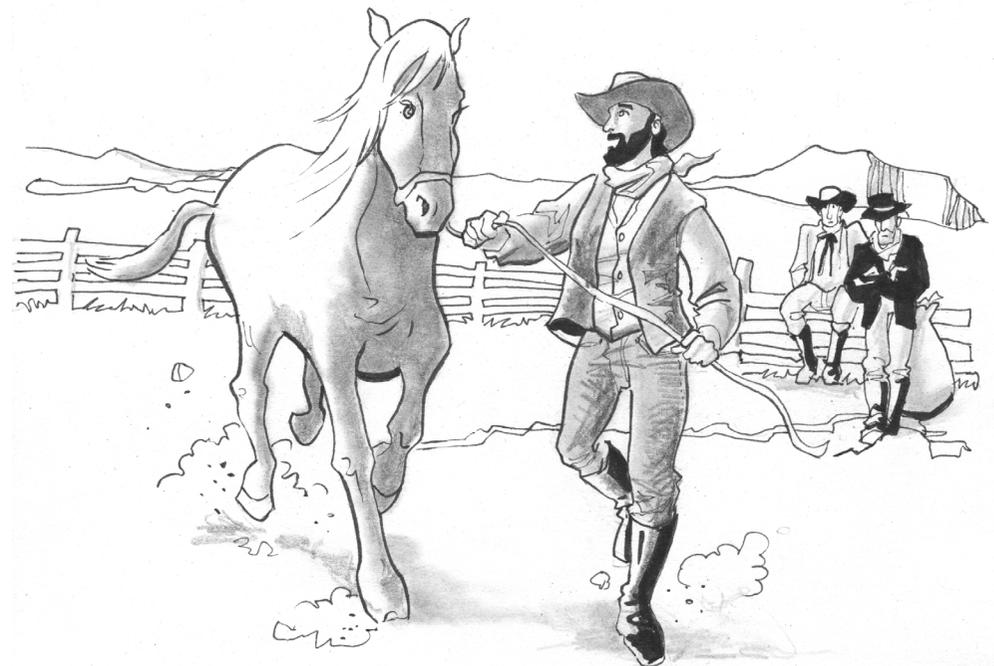
-- Sinto muito ter que dizer isto, mas respeito se conquista. -- Dis-se Fiel mansamente enquanto se afastava do local.

Filípa vivia muito insatisfeita. Batia as patas no chão poeirento observando com desprezo o ambiente. Para ela, a cerca era bai-xinha demais, e ter que ficar presa no estábulo era ainda pior.

*Um dia destes vou fugir assim que abrirem o curral... correr pelas planícies e subir lá no alto -- ela pensava, sonhando atingir o pico nevado da serra.*

-- Teve um bom dia, Filípa?

Ela se animou ao ouvir a voz do amado cavaleiro, mas, um pouco envergonhada virou a cara. Só que não conseguia deixar de lado seus pensamentos.



Fiel fez carinho no seu focinho.

– Tenha paciência – disse ele, como se tivesse lido seus pensamentos (e tinha mesmo!). – Estamos construindo um curral muito maior onde você vai ter espaço para galopar. Tenho certeza que vai adorar.

Filipa relinchou. *Claro, já ouvi essa história.* Pensou com seus botões. *Mesmo que aumentem o curral vou continuar encurralada.*

Pelo menos o carinho na crina a consolou. Mais um tapinha carinhoso, uma oração, e o cavaleiro se foi.

Com muita dificuldade, as firmes mãos do cuidador tinham levado Filipa ao estábulo para a noite.

*Chateada, né?*

Mesmo caindo no sono, ela distinguiu o tom matreiro. Era da raposa que vivia rondando o galinheiro, e com quem ela tinha conversado informalmente junto à cerca do curral.

– É, um pouquinho. É mais uma questão de espaço – explicou Filipa.

– De ser tão controlada pelos outros?

– Olha, não é muito agradável ficar presa e ter que... mas...

– Sabe, eu posso dar um jeito para você ter mais espaço... e até subir a serra. Entende? Escapar...

Filipa não gostava e nem confiava naquela raposa. Mas a oferta era tentadora.

– E qual é o plano?

– Arranjar uma briga à noite.

– Como assim?

– Amanhã à noite, enquanto Verdadero estiver trazendo você para o estábulo, eu atacarei o galinheiro para distrair os empregados, e você poderá sair disparada.

– Mas o meu dono ficaria muito triste.

– Que nada! Ele supera isso. Olha, o senhor Fiel Verdadero tem *muitas* montarias. Não pense que você é assim *tão* especial.

– Talvez eu não seja, mas ele é especial para mim, e prometeu construir um curral bem maior onde eu possa galopar.

– É, mas ainda não construiu – disse a raposa com um risinho zombeteiro.

– Ainda não. Mas...

– Mas *nada*. Está vendo? É só da boca pra fora. Escreva as minhas palavras. Ele não vai fazer nada. E por falar em espaço, o que é um mísero hectare de pasto em comparação com a pradaria toda?

– É verdade, mas ele me leva para andar.

– Mas não é sempre...

Apesar da raposa expressar em parte o que Filipa sentia, ela não ficava tranquila em concordar com as suas palavras. Mas mesmo relutando concordou.

– Imagine, Filipa, não vai ter ninguém enfiando as esporas nos seus flancos nem lhe dando humilhantes tapas no traseiro para se mexer quando você não sente vontade de ir a algum lugar. Nem vai ter rédeas puxando o freio na sua boca para fazer você parar – quando sentir vontade de voar!

– Tudo bem, dona raposa. Mas o que a senhora ganha com isso?

– Nada, é claro. Eu só quero ver você feliz. Seja como for, pense na proposta. – Completou a raposa se arrastando para fora do estábulo.

Filipa estava excitadíssima! Depois de aceitar a oferta da raposa e escapar, aproveitava a sua recém-conquistada liberdade há uma hora quando ouviu o som ritmado de patas batendo no solo à distância. Voltou-se para avistar o horizonte. Não era possível explicar a sensação que a dominou, era um misto de felicidade e apreensão ao ver o seu amado dono aproximando-se para buscá-la e levá-la de volta ao rancho, imaginou. Conforme ele foi se aproximando, ela percebeu que ele não tinha as boleadeiras para capturar animais, nem mesmo um laço.

Indecisa, Filipa não sabia se saía em disparada ou em ziguezague como quem não queria nada. Mas não queria desapontar Fiel, então acabou ficando ali parada.

Ele se aproximou e fez carinho no seu focinho.

– Você sabe que eu podia ter trazido dois empregados e laçado você facilmente.

Filipa sabia muito bem, e um pouco envergonhada abaixou a cabeça admitindo isso.

*Será que ele não quer que eu volte com ele? Acho que não está muito preocupado comigo.*

Fiel deu um sorriso.

– Você sabe muito bem que isso não é verdade, Filipa. Você nem imagina o carinho que tenho por você. Mas no momento, voltar para casa não é a melhor coisa, porque se deseja ficar aqui, não devo interferir. Vou deixar a experiência lhe ensinar a testar, confiar e provar o seu bom senso..."

Fiel continuou falando como se soubesse que Filipa entendia. E entendia mesmo.

– E também testar o seu senso de espaço inato, aquele desejo por liberdade e falta de limites.

*Espaço, pensou Filipa. É o que sempre quis... mas sem limites? Sem nenhum limite? Será que é isso mesmo que desejo?*

– Não. No fundo, não é isso o que você quer – disse Fiel. – Mas não tema. Eu determinei limites que você não consegue ver daqui, mas o bom senso lhe mostrará quando estiver quase saindo dos limites. Além do mais, eu só gostaria que ficasse comigo no rancho por livre e espontânea vontade.

Após mais alguns conselhos e palavras de consolo, seu amado cavaleiro orou por ela e se despediu.

*Não ... Eu não preciso de limites*, ela pensou depois de refletir uns poucos minutos, e deixou aquele sentimento de coragem distanciá-la ainda mais nos campos, onde galopava e corria em êxtase, completamente alheia a tudo ao seu redor por mais algumas horas até começar a anoitecer na vasta e solitária terra.

Filipa começou a ficar cansada. E estava com muita fome! O bom senso lhe mostrou o que evitar, a ponto de sentir repulsa ao mínimo odor de uma planta possivelmente venenosa. Filipa mordiscava nos poucos trechos de pasto duro e seco, mas seguros. No entanto, alimentava-se disso pensando na água, na abundância de feno, e nos sacos de aveia que tinha regularmente à sua disposição no estábulo. Lembrou-se até do sal para lambar que ela degustava sem dar um pio depois de passar uma tarde correndo pelos campos com Fiel montado em seu lombo.

Querido e gentil Fiel Verdadero, jamais a tinha forçado, e Filipa relembrava, com remorso, os momentos em que quis jogá-lo da sela como já fizera com outros que tentaram

montá-la. Mas agora percebia que aqueles impulsos a estavam levando a ir contra o bom senso mencionado por Fiel.

E que solidão! Agora Filipa estava completamente sozinha – ela e o bom senso... Mas será que podia confiar nisso? Não tinha certeza. Enquanto pensava, adormeceu, mas era um sono leve e temeroso, perturbado pelo uivo distante dos coiotes.

No dia seguinte ela acordou com o sol quente no seu lombo. Havia pouquíssima sombra na pradaria. O dia prometia ser quentíssimo, e Filipa estava decidida a aproveitá-lo, correr e galopar até não poder mais. E foi exatamente o que fez por algumas horas e então começou a andar vagarosamente de tão cansada que estava.

*Água, pensou ofegante. Preciso de água. Será que o bom senso vai me guiar até uma fonte?*

Farejou o ar, bateu a pata no chão, e então parou.

*Não, aqui não tem água, não tem um manancial*, concluiu. Como sabia? Ficou pasma e ainda mais satisfeita consigo mesma. Continuou num ritmo lento por um pouco e mais uma vez bateu a pata no chão.

*Aqui também não tem água*, pensou. Desta vez já não estava tão satisfeita consigo mesma, mas sim impaciente.

Avistou um arbusto. Aproximando-se, dava patadas no chão ao redor. Aqui!

De repente ouviu um barulho e viu uma nuvem de poeira à distância. Ao aproximarem-se, percebeu que eram uns 15 cavalos sem arreio ou cavaleiro. De vez em quando ela via essa tropa passar correndo ao longe quando andava pra lá e pra cá no curral. Como desejara estar em sua companhia! E agora parecia que o seu desejo se cumpriria, pois os animais se aproximaram. Percebendo sua presença, o garanhão que liderava parou e relinchou.

*Ele tem um belo porte*, pensou Filipa. Sentindo que o líder encontrara algo, os outros animais também pararam, ofegando, bufando e dando patadas no chão como ele fizera.

-- Você encontrou água? – perguntou o líder.

-- Creio que sim – respondeu.

-- Então vamos escavar com as patas até brotar.

E foi o que fizeram. Contentes, todos os animais saciaram sua sede com a água do manancial borbulhante. Depois de beber, o líder aproximou-se confiantemente de Filipa.

-- Muito obrigado. Gostaria de me apresentar. Eu me chamo Baio. E você é a ...?"

-- Filipa.

-- Por quê?

-- Por que o *quê*?

-- Por que você tem esse nome?

-- Não fui eu que escolhi.

-- Não? Pela lei da pradaria nós geralmente escolhemos o próprio nome.

-- Sério? Quando as éguas parem, não são os pais ou outros que escolhem o nome?

-- Não. Assim que deixamos de mamar, escolhemos nosso nome de acordo com o que ou como queremos ser.

-- Interessante, disse Filipa.

-- Huum, disse Baio, parando para provar um pouco da vegetação. – Quem lhe deu o seu nome?

-- O meu dono.

-- *Dono*? Um ser humano?

Filipa fez que sim com a cabeça. – Um ser humano *maravilhoso*.

-- Até parece! “Ser humano maravilhoso”! E por acaso existe esse espécime?

-- Sim, e ele cuidava muito bem de mim no seu rancho -- respondeu Filipa com o olhar um pouco triste.

-- Então você era a “reina do rancho”?

-- Rainha do rancho?

-- É, sem dureza, aquele animal que os humanos criam, mimam e fazem carinho.

-- Não sei não. Havia bastante disciplina, eu ficava em um local não muito espaçoso, e agora, depois de todo o treinamento que recebi, o meu dono me deixou sozinha para usar o meu bom senso.

-- O que é bom senso?

Filipa olhou para Baio surpresa.

-- É como um sexto sentido, algo que você tem naturalmente.

-- Como instinto... ou... *impulso*?"

-- Mais ou menos. Mas acho que é mais profundo. Acredito que alguns de nós, equinos, precisamos ser treinados com arreios e freios, mesmo pelos humanos...

-- Essa opinião é muito... *subjetiva*.

-- *Subjetiva*? Em relação ao quê?

Baio relinchou.

-- Não sei bem. Voltando ao assunto, Filipa, se pudesse, que nome você teria escolhido?

-- Eu realmente não sei. Na verdade, gosto do meu nome. Significa "que gosta de cavalos". Deveríamos amar nossos semelhantes.

Baio relinchou de novo.

-- Aqui no mundão o nome não precisa forçosamente ter significado.

Depois que ele e seus colegas tinham andado em um pequeno espaço por ali, ele anunciou:

-- Vejam! Olhem para os desfiladeiros a oeste. Pastos verdes!

"Vamos lá! O que estamos esperando?!" foi praticamente a resposta.

Cheirando o ar, Filipa disse:

-- Esperem, estou sentindo um cheiro *ruim*.

-- O que você quer dizer com isso?

-- Sinto que existe algum *perigo* ... *humanos*—pessoas com intenções más.

Relinchos zombeteiros e bufos de incredulidade foram as reações.

-- Encontrei água! Será que isso não basta para ganhar sua confiança? Perguntou Filipa à tropa. Explicou então que, pelo fato de ter convivido com humanos (ao contrário deles), aprendera a discernir o caráter das pessoas. Mesmo assim os cavalos selvagens a desconsideraram.

-- Se for assim não vou com vocês. -- declarou Filipa. E deixou os impacientes cavalos seguirem caminho pelos longínquos pastos, viçosos e verdejantes, enquanto seguia a sua jornada rumo à distante serra. Meia hora depois ouviu um galope, que aos poucos se tornou um trote capenga e então observou uma cansada potranca branca se aproximando.

-- Você tinha razão, Filipa. Eles capturaram todos os animais.

-- Quem capturou quem?

-- Eram uns doze homens em montarias, munidos de laços e boleadeiras. Conseguiram capturar todos, só eu escapei, porque acreditei no que nos disse e fui seguindo devagarzinho de longe. Vi tudo o que aconteceu por um espaço no desfiladeiro. Meus amigos não tinham a mínima chance. Eles se alimentaram fartamente naquele pasto exuberante e ficaram de barriga tão cheia que mal podiam se mover.

-- Sinto muito... qual é o seu nome?

-- Cielo. Meu nome é Cielo.

-- Lindo nome – elogiou Filipa.

-- Significa “céu”.

-- Eu sei, mas achei que cavalos selvagens não se preocupavam em escolher nomes que tivessem algum sentido.

-- Triste, mas é a verdade, Filipa. Só que eu quis um nome com sentido, apesar de que fui ridicularizada pelo resto da tropa. Zombaram de mim dizendo que eu queria ser a “reina del rancho”.

-- Essa sou eu – retorquiu Filipa segurando uma risadinha.

-- Dá para perceber. Mas por que deixou de ser?

-- Não sei – respondeu Filipa enquanto galopavam juntas.

-- Eu adoraria ser uma rainha do rancho. Parece glorioso. – disse Cielo.

Abaixando a cabeça, Filipa explicou que não era fácil por causa das *limitações*.

-- Quais, por exemplo? – Quis saber a outra potranca.

-- Você quer descobrir?

-- Depois que conheci você, Filipa, e vi e vivenciei a sua impressionante intuição e bom senso, sim, gostaria.

E concordando, Filipa lhe deu as coordenadas, tanto quanto se lembrava, para Cielo conseguir chegar ao rancho de Fiel Verdadero.

-- E o que faço se e quando lá chegar?

-- Confie nele. Talvez a considere uma substituta... esquece.

-- Você tem saudades dele, não tem?

-- Muita. Mas sinto que devo... – Filipa ergueu os olhos na direção da distante serra e murmurou algo sobre o seu destino.

-- Seu destino? Aquele montão de pedras? Ali só tem pedras!

Surpresa, Filipa encarou Cielo sem dizer nada. A pergunta da companheira iniciara um conflito em sua mente.

-- Acho melhor você começar a cavalgar, Cielo – ela sussurrou depois de um tempinho – se quer chegar ao rancho antes de escurecer.

-- E com um *hasta luego*, as duas potranças se despediram.

-- Espero que nos vejamos em breve mesmo – disse Filipa sem muita convicção.

Logo a noite caiu e Filipa, com muita fome, encontrou um caminho de figueira brava muito apetitosa. Talvez por estar tão cansada, desconsiderou o gosto forte da folha e o bom senso – que a cutucava – e comeu a planta venenosa até se saciar.

Que mal estar! As noites na pradaria são bastante frias, e agora Filipa estava deitada tremendo e suando à luz da lua brilhante. Arrependida, lembrava-se do estábulo quentinho, do feno confortável e até mesmo da escovação do rabugento Sr. McGuire que tanto a tranquilizava.

Pobre Sr. McGuire. No início ele era bem gentil e falava com ela mansamente, inclusive às vezes cantava alguma antiga canção irlandesa sobre os cavalos de Kildare. Mas um dia parou de falar com ela e apenas cumpria, com ressentimento a sua obrigação de escová-la.

Lágrimas escorriam por sua cara enquanto pensava na razão disso. Um dia, seis meses antes, o Sr. McGuire tinha tentado montá-la, mas ela empinou e o jogou no chão. Ele teve uma fratura grave na perna e nunca mais pode montar.

*Querido cavaleiro, pensava Filipa enquanto sentia a consciência se esvaír. Por favor, peça perdão ao Sr. McGuire. Sinto muito... de verdade...*

Seus olhos foram fechando como se tivesse caindo no sono, mas não estava dormindo. Na verdade, estava muito mais consciente do ambiente do que nunca, em uma outra dimensão, rodeada por uma multidão de cavalos brancos espirituais.

Um majestoso garanhão trotou até ela.

-- Você quer voltar para casa, Filipa?

-- Que...ro. Quero muito – respondeu debilmente. -- Vou voltar com você?

-- Ainda não é hora de vir para cá, mas no dia certo você virá. Ainda precisa de um período de treinamento

no seu antigo lar. Será uma grande alegria se aceitar passar por isso com o coração agradecido.

-- Com o meu querido cavaleiro?

-- É claro, e com os outros, os amigos dele que ele designou para cuidar de você, aqueles que você não tratou muito bem.

-- Eu sei. Sinto muito. Gostaria de ter outra chance.

-- Vai ter. O seu amado cavaleiro está esperando o seu retorno. Ele vai sentir de longe que você está a caminho.



-- Mas para que servirá o meu treinamento?

-- Para um dia se unir a nós, a maior cavalaria dos céus, da qual eu e meus companheiros somos uma mínima parcela, e participar e vencer a maior batalha de todas as eras.

-- A maior batalha de todas as eras? Que batalha é essa?

-- Na hora certa você saberá...

Depois dessa mensagem o majestoso animal e sua comitiva desapareceram, deixando Filipa ali deitada observando as estrelas e com o coração inundado por um sentimento de gratidão. E assim ela caiu no sono.

Acordou na manhã seguinte molhada de suor, sem febre, toda animada e com o propósito renovado de voltar para o rancho. A viagem de volta era difícil. Ventos fortes dificultavam o reconhecimento do caminho; ficou perdida algumas vezes, duvidando que realmente chegaria à casa. No entanto, seguiu adiante galopando determinada. A tarde chegava ao fim quando, exatamente como o cavalo branco dissera, viu o seu amado cavaleiro ao longe. Seu coração batia forte, ela acelerou, e Fiel, ao vê-la, bateu com as esporas no flanco de seu cavalo para chegar mais rápido até ela.

E sabe qual era o cavalo? Acertou. Cielo, a amiga de Filipa. Que alegria se reencontrarem!

-- Você está feliz no rancho? -- perguntou-lhe Filipa.

-- Demais, graças a você. O Señor Fiel me amansou surpreendentemente rápido, mas ainda tenho muito que aprender, principalmente com você!

-- Eu é que tenho muito a aprender com você -- respondeu Filipa. E, claro, nem conseguia expressar sua alegria por estar novamente com seu amado cavaleiro. A única coisa que fez foi abaixar a cabeça docilmente e fechar os olhos satisfeita enquanto Fiel lhe fazia um afago e um carinho no focinho.

-- Acho que não vai se importar se eu voltar montado em você -- ele disse.

*Eu adoraria*, pensou Filipa. Fiel tirou os arreios de Cielo e transferiu para Filipa, acrescentando:

-- O novo curral está prontinho.

Filipa não cabia em si de contente. E sob a luz do sol poente os três se puseram a caminho de casa.

